

CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM COM FOCO NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Nayna da Silva Santhiago¹

Resumo: Este estudo tem como foco principal discutir a respeito das contribuições da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem com foco no ciclo de alfabetização. O objetivo desta pesquisa é compreender de que forma a contação de histórias, no ciclo de alfabetização, contribui nas atividades de ensino aprendizagem. Visando alcançar esse objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo, com a realização de um levantamento e aplicação de questionário. Os resultados mais importantes encontrados a respeito da temática apontam que as professoras que responderam o questionário possuem algum conhecimento sobre a contação de histórias, mas a maioria delas não relaciona as histórias narradas/lidas com o conteúdo que será ministrado em sala de aula.

Palavras chaves: Contação de histórias. Ciclo de alfabetização. Ensino-aprendizagem.

CONTRIBUTIONS OF STORYTELLING IN THE TEACHING- LEARNING PROCESS FOCUSED ON THE LITERACY CYCLE

Abstract: This study has as main focus to discuss about the contributions of storytelling in the teaching-learning process focused on the literacy cycle. The aim of this research is to understand how storytelling, in the literacy cycle, contributes to teaching learning activities. Aiming to reach this objective, a qualitative research of descriptive character was developed, with the accomplishment of a survey and application of questionnaire. The most important results found on the subject are that the teachers who answered the questionnaire have some knowledge about storytelling, but most of them do not relate the stories narrated / read with the content that will be taught in the classroom.

Key words: Storytelling. Literacy cycle. Teaching-learning.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, existem diversas teorias e estratégias que podem ser empregadas de acordo com o professor ou a instituição de ensino quando se trata de alfabetização. As teorias se desdobram desde as mais tradicionais em que os alunos aprendem de forma descontextualizada de sua realidade, passando pelo construtivismo, e a alfabetização como prática sociocultural, em que os assuntos abordados estão presentes no cotidiano do aluno.

¹ Licenciada em pedagogia pela Faculdade Estácio de Sá de Vila Velha em 22 de agosto de 2017. E-mail: nayna.santhiago@hotmail.com.

O presente trabalho tem como foco principal discorrer sobre um assunto relevante no meio educacional: a alfabetização. Não pretendemos aqui apontar qual seja o melhor ou pior método para se alfabetizar uma criança, mas sim sugerir uma estratégia que pode ser utilizada pelos docentes nesse processo de aquisição do código linguístico oral e escrito. A estratégia que iremos debater no decorrer desta pesquisa é a contação de histórias, ou seja, pretendemos apresentar a contação de histórias como ferramenta docente no processo de alfabetização. Para tal, fizemos a seguinte pergunta: de que forma a contação de história pode contribuir com o processo de ensino-aprendizagem de crianças do ciclo de alfabetização?

O assunto abordado nesta pesquisa traz em seu bojo uma estratégia inovadora, que visa enriquecer o trabalho docente dentro da sala de aula com crianças do ciclo de alfabetização, uma vez que contar histórias é uma maneira diversificada de se conceber a realização de uma atividade ou a produção de conhecimentos necessários a serem alcançados. Considera-se, também, que esta prática faz com que os educandos se interessem pela leitura e escrita, uma vez que estarão em contato com livros e textos que lhes despertam interesse.

2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

Este capítulo está dividido em três subtópicos para melhor compreensão. Cada subtópico abordará um aspecto diferente sobre alfabetização e como a contação de histórias pode contribuir neste processo de aquisição do código linguístico oral e escrito por parte do aluno.

Neste capítulo, discorreremos como o processo de alfabetização iniciou no Brasil e quais seus avanços. Ressaltaremos que o processo de alfabetização é algo que se encontra em constante modificação em relação às metodologias e teorias educacionais. Abordaremos também as contribuições que a contação de histórias pode trazer para o processo de ensino-aprendizagem ao ser utilizada no ciclo de alfabetização pelo professor regente.

2.1 PERSPECTIVA HISTÓRICA GERAL SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL E OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Começou-se a falar em educação no Brasil por volta do ano 1530, quando os portugueses começaram a colonizar esta Terra, mais precisamente em 1549 quando os jesuítas chegam no território brasileiro (ARANHA, 1996). A função dos jesuítas era basicamente a

“[...] catequese dos índios, educação dos filhos dos colonos, formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, além do controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra” (ARANHA, 1996, p. 99).

Segundo Aranha (1996), com o movimento iluminista na Europa no século XVIII, passe-se a pensar em uma educação desvinculada do sistema religioso, ou seja, uma educação laica. Esse movimento chega ao Brasil por meio da Reforma Pombalina que resultou na expulsão dos jesuítas, e em um atraso no ensino, pois “o marquês de Pombal só inicia a reconstrução do ensino uma década mais tarde, provocando um retrocesso em todo o sistema educacional brasileiro” (ARANHA, 1996, p. 134).

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, inúmeras mudanças ocorreram na economia e na política, alterando também a educação. Já no século XX surgiram inúmeros movimentos educacionais no Brasil, como o positivismo e o escolanovismo. Por volta de 1930, ocorre uma expansão do ensino primário e secundário, ampliando-se as vagas nas escolas para camadas mais populares. Em 1964, instala-se no governo a ditadura militar, alterando mais uma vez o ensino, pois, com a ditadura, o ensino torna-se tecnicista, voltando-se totalmente para atender as demandas do mercado de trabalho (ARANHA, 1996).

Com o fim da ditadura militar e o período de redemocratização do país, cria-se a nova Constituição em 1988, que em seu corpo garante a gratuidade do ensino público a todos, tornando obrigatório o ensino fundamental e estendendo-se ao ensino médio público (ARANHA, 1996), ampliando e garantindo a oferta de vagas a todos.

Falando especificamente sobre o processo de ensino-aprendizagem no decorrer desse contexto histórico, tivemos inúmeros métodos aplicados dentro da sala de aula, que, de acordo com a época, foram considerados apropriados.

Segundo Moratti (2006), durante o período imperial brasileiro, existiam poucas escolas, suas salas de aula eram adaptadas para atender todas as séries escolares. Em relação à alfabetização, “[...] utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da ‘parte’ para o ‘todo’): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas” (MORATTI, 2006, p. 05).

Em 1890, com a reforma republicana, mais especificamente na primeira década desse novo governo, os professores passaram a adotar o método analítico. “De acordo com esse

método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo ‘todo’, para depois se proceder à análise de suas partes constitutivas” (MORATTI, 2006, p. 7).

Por volta de 1920, segundo Moratti (2006), os professores começaram a buscar novas propostas para o processo de ensino-aprendizagem. Durante esse período, tem-se também uma disputa acirrada entre os defensores dos métodos da marcha sintética e o analítico.

No entanto, buscando conciliar os dois tipos básicos de métodos de ensino da leitura e escrita (sintéticos e analíticos), em várias tematizações e concretizações das décadas seguintes, passaram-se a utilizar: métodos mistos ou ecléticos (analítico-sintético ou vice-versa), considerados mais rápidos e eficientes (MORATTI, 2006, p. 8).

Ressaltamos, também, que desde o período imperial, fez-se a utilização das cartilhas para alfabetização das crianças, sendo essas adaptadas e produzidas de acordo com o método em voga (MORATTI, 2006).

Segundo Moratti (2006), por volta de 1980, com o constante fracasso no processo de alfabetização, começaram a se questionar a respeito do uso das cartilhas. Em virtude desse insucesso, adotou-se no Brasil o método construtivista, o qual foi

[...] resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta, não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se o processo de alfabetização [...] (MORATTI, 2006, p. 10).

Observamos que a alfabetização passou por vários períodos, e podemos considerar que alfabetizar é algo complexo a se realizar, pois durante todo o percurso histórico existiram diversos métodos de alfabetização que atenderam as demandas de sua época, mas ainda existem, atualmente, teorias sendo formuladas sobre a temática. Não existe uma forma pronta e acabada sobre ensinar a ler e escrever, pois cada sujeito se comporta e aprende de maneiras diferentes.

2.2 TRABALHANDO A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

O ato de contar histórias surgiu há milhares de anos, tendo como exemplo as comunidades primitivas, nas quais os ensinamentos eram transmitidos por meio das histórias narradas. Com o passar do tempo, essa arte se aperfeiçoou, pois surgiram inúmeras técnicas,

instrumentos e formas de se narrar um conto. Atualmente, a contação de histórias é considerada algo apenas para o lazer e o seu cunho educativo muitas vezes é deixado de lado.

A narração de uma história muito pode contribuir para o desenvolvimento de uma criança. Sendo assim, o ambiente escolar é um local propício, para a contação de histórias. Araújo, Bravo e Rodrigues (2014, p. 84) na obra *A contação de história como estratégia pedagógica: contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental* afirmam que “a contação de história em sala de aula estimula a criatividade e a imaginação, o que facilita a aprendizagem oral e escrita”.

Outro benefício proporcionado pela contação de histórias, segundo os autores acima citados, é que

O docente, ao inserir a contação de história em sala de aula, ajuda o aluno a se identificar com a sua cultura e a conhecer outras culturas que, sem o auxílio da escola, talvez demorasse a ter contato. A partir da contação de história, o aluno constrói sua identidade e encontrar-se dentro da própria cultura, cabe à escola promover o contato com a diversidade de culturas que possuímos no mundo, pois a literatura é mais que entretenimento é também uma arte que auxilia na transmissão de conhecimento de maneira prazerosa. (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 85).

Sendo o ambiente escolar um local em que predomina a diversidade, um dos papéis da escola é trabalhar esse assunto de maneira que todos os alunos se sintam envolvidos de forma prazerosa para tal, a narrativa muito pode contribuir nesse aspecto, uma vez que existem inúmeros gêneros textuais, que atendem a todas as idades e retratam diversos assuntos que podem contribuir e enriquecer o aprendizado dos educandos.

Muitos educadores ainda não descobriram o quanto as histórias podem ajudá-los; muitos continuam utilizando as histórias, quando utilizam, apenas para acalmar os educandos e não vêem as várias possibilidades de uma boa história. O principal objetivo em contar uma história é divertir, estimulando a imaginação, mas, quando bem contada, pode atingir outros objetivos, tais como: educar, instruir, conhecer melhor os interesses pessoais, desenvolver o raciocínio, ser ponto de partida para trabalhar algum conteúdo programático, assim podendo aumentar o interesse pela aula ou permitir a auto-identificação, favorecendo a compreensão de situações desagradáveis e ajudando a resolver conflitos. Agrada a todos sem fazer distinção de idade, classe social ou circunstância de vida (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 03).

Como estamos focando no ciclo de alfabetização, um dos principais objetivos docentes nessa etapa é de inserir o educando no “mundo letrado”, ou seja, ensinar a criança a ler e escrever. Concordamos com Seidel (2007) quando afirma que o ambiente escolar deve

ampliar o conhecimento dos alunos em relação à leitura, salientando ainda que esse contato, o contato com livros, é importantíssimo antes mesmo do aluno saber ler e/ou escrever.

Para que os alunos se interessem pela leitura e busquem sempre ter em mãos um livro, é necessário que o professor também leia, para que assim, ambos (aluno e professor) troquem suas experiências sobre o texto lido, pois “a leitura é indispensável para a aprendizagem independentemente do nível escolar em que se esteja [...]” (SEIDEL, 2007, p. 65).

Além de ler histórias, é importante que esses contos também sejam narrados aos alunos, para que assim o vocabulário da criança seja desenvolvido, possibilitando também a aprendizagem da escrita mediante o do contato com a linguagem oral (SEIDEL, 2007).

A contação de histórias às crianças tem importância particular para o desenvolvimento do vocabulário, para a compreensão de conceitos e também para o conhecimento da linguagem escrita. Esta atividade permite o contato com a linguagem de uma forma viva e a criança passa a reconhecer a linguagem oral como forma de chegar à escrita (SEIDEL, 2007, p. 69-70).

Concordamos com os autores citados acima quando dizem que as histórias, sejam elas narradas/ouvidas ou lidas pelos alunos estimulam o desenvolvimento e aprimoram o conhecimento desses indivíduos, tanto na linguagem oral quanto na linguagem escrita.

A inserção de histórias no ciclo de alfabetização é uma estratégia que traz muitos benefícios ao aprendizado dos educandos, pois desenvolve nos alunos o hábito e interesse pela literatura, podendo se tornar um facilitador quando se trata do aprimoramento do código linguístico por parte da criança.

2.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO INCENTIVO À LEITURA E ESCRITA NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO

O processo de alfabetização de uma criança pode variar de acordo com o interesse do aluno e a estratégia que está sendo utilizada pelo professor. Alfabetizar não significa apenas codificar e decodificar as palavras; para além disso está a interpretação do que está sendo lido.

Para que se possa aprender a ler ou escrever é preciso praticar, e para isso é necessário que o professor auxilie o seu aluno a encontrar prazer nesses momentos de leitura e escrita, pois “sabemos que a construção da leitura e da escrita é algo bastante complexo e individual, mas a intervenção do professor torna-se fundamental para que os alunos tenham um bom desenvolvimento neste processo” (WENDT, 2011, p. 10).

De acordo com Wendt (2011), a contação de histórias é uma estratégia que muito pode contribuir para o desenvolvimento verbal dos alunos, pois as histórias trazem relatos e acontecimentos com os quais as crianças se identificam, facilitando assim a comunicação entre as mesmas e aprimorando a oralidade.

Ao utilizarmos a estratégia da contação de histórias podemos constatar que, com o desenvolvimento das atividades, os alunos, apesar de sua pouca experiência, trazem ao grupo suas vivências, contribuindo assim, nos debates e diálogos, o que os enriquece e desperta o interesse de todos (WENDT, 2011, p. 13).

Existem diversas maneiras de proporcionar aos alunos que se encontram no processo de alfabetização contato com textos. Segundo Seidel (2007), mesmo que alguns deles ainda não consigam ler é importante que tenham contato com os mais diversos gêneros textuais. Uma dessas maneiras é levá-los para a biblioteca, onde poderão ler livros de sua preferência e aprimorar a leitura.

Nessas idas à biblioteca é interessante que o professor planeje um roteiro a ser seguido, um momento em que ele irá narrar um conto aos seus alunos e refletir sobre o que foi contado, e outro momento em que os alunos poderão escolher seus próprios livros para lerem suas histórias.

Wendt (2011, p. 15) afirma que “através das contações eles [os alunos] aprenderam a criar, produzir palavras, frases e textos, além das contagens matemáticas”, ou seja, a contação de histórias desperta a criatividade dos alunos e também os estimula à produção acadêmica de forma prazerosa.

Concordamos ainda com Aguiar et al. (2001, p. 72), quando diz que “os primeiros versos e as primeiras histórias que o indivíduo ouve ou lê quando criança são muito importantes para o desenvolvimento do seu apreço pela leitura”. Sendo assim, acreditamos que quanto mais contato a criança tiver com os livros e histórias, mais ela se interessará por ler e escrever.

O processo de aquisição do código linguístico tanto oral quanto escrito por parte do aluno é delicado, pois cada criança tem o seu próprio tempo de aprendizagem, uns aprendem mais rápido do que outros, mas “[...] como educadores, devemos valorizar suas produções, pois assim, as crianças sentem-se incentivadas e irão aprender a gostar daquilo que fazem, sabendo que o que estão aprendendo será importante na sua vida” (WENDT, 2011, p. 25).

De fato, despertar o interesse pela leitura e escrita em crianças que se encontram no processo de alfabetização é algo desafiador, mas acreditamos que com o planejamento certo, com o auxílio da equipe pedagógica e com a prática na contação de histórias, o professor regente conseguirá êxito em seu objetivo.

3 BENEFÍCIOS PROPORCIONADOS AO SE OUVIR E CONTAR HISTÓRIAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Neste capítulo, debateremos os benefícios que a contação de história traz para o processo de ensino-aprendizagem de alunos do ciclo de alfabetização, e como essa estratégia poderá ser utilizada pelo professor regente. Ressaltamos que o foco desta pesquisa é o ciclo de alfabetização, mas nada impede que as estratégias apresentadas aqui possam ser adaptadas e utilizadas em outros níveis de ensino.

Iremos discorrer sobre aspectos relevantes de se contar histórias no ciclo de alfabetização, como esse hábito pode auxiliar os alunos no momento de transição da educação infantil para o ensino fundamental e como essa estratégia auxilia no desenvolvimento infantil tanto acadêmico quanto pessoal. Buscaremos apontar meios para que o docente possa pôr em prática a contação de histórias utilizando-as de maneira que consiga alcançar os objetivos propostos em seu planejamento.

4 CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As histórias, quando utilizadas como estratégia no processo de ensino-aprendizagem envolvem o aluno, fazendo com que ele se sinta incluído de forma ativa nesse processo, construindo o conhecimento de forma significativa. Ao se contar uma história, narrador e ouvinte se envolvem e ocorre nesse momento uma interação e um intercâmbio de saberes e experiências entre ambos. Isso condiz com a teoria de Vygotsky, na qual o teórico afirma que a criança aprende pela interação social (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 75).

Pensamos que para que o educando possa realmente se envolver com o tema abordado dentro da sala de aula, seria necessário que o professor iniciasse o assunto a partir de conhecimentos que o aluno já possui, fazendo com que as crianças se sintam estimuladas a aprender.

Utilizar a contação de histórias como estratégia para introduzir um assunto novo, ou até mesmo fazer com que as crianças percebam um assunto abordado anteriormente com uma nova perspectiva, faz com que os alunos se envolvam ludicamente, além de auxiliar no desenvolvimento emocional e cognitivo.

A contação de histórias estimula vários sentidos: seu estilo singular pode mostrar a criança uma nova gramática da comunicação sem regras fixas unindo, dessa forma, o verbal, o imaginário e o sensorial. Sendo assim, a literatura infantil instiga sentidos, auxilia o desenvolvimento emocional e cognitivo: é o universo lúdico rompendo os obstáculos da aprendizagem (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 77).

Quando se trata de crianças que acabaram de ingressar nas primeiras séries do ensino fundamental tudo para elas é novidade, e muitas vezes o novo pode trazer experiências desconfortáveis, principalmente para aquelas crianças que tiveram uma vivência na educação infantil, na qual todas as atividades envolveram momentos lúdicos e de brincadeiras. Quando tais crianças passam a frequentar o ensino fundamental, elas percebem que toda a estrutura, não só física, mas a organização e a forma de ministrar as aulas pelos professores(as) mudaram completamente. As aulas passam a serem mais rígidas; passa-se a exigir mais atenção e disciplina dos alunos; muitas vezes não há mais momentos descontraídos durante o processo de ensino-aprendizagem, tornando o fato de ir para a escola algo desestimulante para a criança, dificultando, assim, todo o processo educativo.

Nesse contexto, a contação de histórias é um instrumento de grande valia nessa transição. Apesar da ausência de estudos avaliativos neste campo, entendemos que a criança, ao ouvir uma história que relate sua trajetória até o momento, elabora o inevitável rompimento dos vínculos estabelecidos nessa fase e se prepara para uma nova etapa, diminuindo assim o próprio nível de stress, o medo e a insegurança (GASPAR, 1995 apud ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 81).

Como os primeiros anos do ensino fundamental têm um foco especial na alfabetização dos alunos, contar histórias não só auxiliaria no processo de transição e adaptação, mas também, no processo de aquisição e apropriação do código linguístico oral e escrito por parte das crianças, uma vez que “por meio da inserção do lúdico, as crianças desenvolvem o gosto pela leitura e adentram em um universo social e cultural que os auxiliam em seu desenvolvimento [...]” (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 84).

Acrescentamos ainda que

[...] a inserção da Contação de história cumpre um papel fundamental na garantia da construção de uma aprendizagem qualitativa no processo de alfabetização e aquisição da linguagem oral e escrita. Ensinar a ler e escrever utilizando a Contação

de história como instrumento facilitador na aprendizagem faria com que despertasse no educando o gosto pela leitura. (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 82).

Faz-se necessário, para que o aluno se aproprie do código linguístico oral e escrito, que ele tenha contato com diversos textos, desenvolvendo o seu gosto pela leitura, fazendo com que floresça o interesse por ler novas histórias. Quando o docente utiliza a contação de histórias como ferramenta para despertar nos educandos o gosto pela literatura, automaticamente ele também está contribuindo para que os alunos busquem fazer novas leituras, pois “alguém que toma gosto em ouvir histórias, provavelmente, procurará lê-las também” (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 03).

Contar histórias traz muitos benefícios aos que as ouvem. Fazer isso com intuito educativo pode facilitar e quebrar muitas barreiras que poderiam vir a existir durante o processo de ensino-aprendizagem.

A professora Dirce Capanema Mateos Garrido, em artigo publicado no livro “Educação Pré-Primária” abordou com brilhantismo a ação educativas das histórias infantis:

“Quanto aos aspectos educativos, visamos com as histórias aos seguintes objetivos:

- a) **Expansão da linguagem infantil** – enriquecimento do vocabulário e facilitando a expressão e articulação;
- b) **Estímulo à inteligência** – desenvolvimento do poder **criador** do pensamento infantil;
- c) **Aquisição de conhecimentos** – alargando os horizontes e ampliando as experiências da criança;
- d) **Socialização** – identificando a criança com o grupo e ambiente, levando-a a estabelecer associações, por analogia, entre o que ouve e o que conhece;
- e) **Revelação das diferenças individuais** – facilitando a professora o conhecimento de características predominantes em seus alunos, evidenciando através das reações provocadas pelas narrativas;
- f) **Formação de hábitos e atitudes sociais e morais** – através da imitação de bons exemplos e situações decorrentes das histórias, estimulando bons sentimentos na criança e incitando-a na vida mora;
- g) **Cultivo da sensibilidade e da imaginação** – condição essencial ao desenvolvimento da criança;
- h) **Cultivo da memória e da atenção** – ensinando a criança a agir e preparando-se para vida;
- i) **Interesse pela leitura** – familiarizando a criança com os livros e histórias, despertamos, para o futuro, esse interesse tão necessário [...]” (TAHAN, 1961, p. 2, grifo do autor).

Como acabamos de observar, as histórias infantis muito podem contribuir para o aprimoramento cognitivo das crianças, mas ao se narrar uma história, principalmente se o intuito for educativo, o contador deve se policiar para que isso também não se torne algo massacrante e desestimulante para os ouvintes. Sendo assim, de acordo com Tahan (1961, p. 71), “a história infantil deve ser educativa, instrutiva e recreativa”, ou seja, os momentos de

contação de histórias proporcionados pelo docente dentro da sala de aula devem ser não só educativos, mas também divertidos, despertando nos alunos o desejo por ouvir e ler novas histórias.

5 A FORMAÇÃO E O PREPARO DOCENTE PARA SE CONTAR HISTÓRIAS NA SALA DE AULA

A formação de um docente traz uma variedade de possibilidades de atuação. O profissional formado em Pedagogia pode atuar em áreas completamente diferentes umas das outras. Por esse motivo, cabe ao profissional buscar se aprofundar, de acordo com o seu interesse, em uma área de atuação específica para o seu melhor desempenho.

Quando focamos no aspecto do professor, muitos recém-graduados não se sentem preparados para ministrar aulas, pois “as instituições formadoras de professores nem sempre proporcionam condições teóricas e práticas para uma formação docente condizente e necessária à realidade das escolas brasileiras” (PACHECO, 2009, p. 11). Sendo assim, o docente deve buscar diversas estratégias para alcançar seu objetivo dentro da sala de aula.

Uma das estratégias que o professor poderá adotar é a contação de histórias, pois, por meio dessa ferramenta, o aluno pode transformar o abstrato, que é de difícil compreensão, em algo concreto.

[...] as histórias trazem o abstrato ao entendimento das crianças, e com isso as municia com experiências que aumentarão a sua vivência, aumentando também suas possibilidades dentro do relacionamento social, uma vez que as histórias, segundo a autora, tratam de questões abstratas, difíceis de ser compreendidas pelas crianças quando isoladas de um contexto (DOHME, 2000 apud PACHECO, 2009, p. 25).

Outro aspecto em que a contação de história pode auxiliar é em relação ao desenvolvimento da oralidade, que é algo pouco estimulado dentro da sala de aula. Mediante a fala é que os indivíduos interagem uns com os outros trocando suas experiências e expandindo o conhecimento.

Em outras palavras, a contação de histórias serve ao ensino de práticas discursivas, materializadas principalmente em diferentes gêneros orais, por serem estes ainda pouco explorados em sala de aula e/ou serem explorados de forma equivocada, posto que o espaço reservado ao desenvolvimento da oralidade na sala de aula ainda é pouco, ou mal utilizado (PACHECO, 2009, p. 32).

Mas será que de fato o professor regente tem conhecimento dos benefícios proporcionados pela contação de histórias? E caso ele conheça tais benefícios, o docente está

preparado para atuar como contador de histórias? Essas indagações nos levam a refletir de que forma o professor deve atuar no momento da contação de histórias.

Para se contar uma história é necessário que o contador se prepare. Como estamos discutindo a contação de histórias dentro da sala de aula, subentendemos que esse ato deve ser de cunho educativo. Para tal, o professor deve relacionar a história que será narrada com o conteúdo que está sendo trabalhado dentro da sala de aula, ou seja, a narrativa deve estar inserida no contexto da sala de aula.

As histórias contadas pelo professor-contador podem propor "vivências radicadas" no cotidiano do aluno. O texto contado faz com que as crianças percebam a inter-relação existente entre o "mundo real", que as cerca, e o "mundo da palavra", que nomeia o real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante. Através dessas narrativas há o contato com conteúdos essenciais da condição humana. Nelas encontram-se vários sentimentos: o medo, ansiedade, as dificuldades, a carência (materiais e afetivas), a rejeição, as perdas, as buscas, a solidão e o encontro. O enredo básico das narrativas expressa obstáculos e provas, que precisam ser vencidos, como um verdadeiro ritual iniciatório (PACHECO, 2009, p. 44).

Existem diversas técnicas para se contar uma história de forma que todos os ouvintes se envolvam ao que está sendo narrado, como: mudar o tom de voz de acordo com alguns personagens, uso da ilustração do livro, uso de fantoches, entre outras. Mas, para que essas técnicas sejam benéficas é necessário que o contador estude a história previamente conhecendo todo o seu enredo, e ele também deve conhecer o público para qual irá narrar o conto.

Adotando esses meios o professor, apesar de não ter frequentado um curso de contação de histórias, com o tempo e a prática, irá adquirir experiência e se tornará um excelente contador de histórias e, com isso, estará potencializando o desenvolvimento de seus alunos.

A prática de contar histórias pode refletir no desenvolvimento dos alunos como indivíduos completos, pois pode ser um instrumento para o início de inúmeras atividades que associam movimentos corporais, gestos, expressões faciais, voz e afetividade no momento do reconto ou durante a contação, se a história narrada pedir a participação efetiva dos interlocutores (PACHECO, 2009, p. 40).

Essas são dicas para o professor que deseja inserir em sua prática o hábito de contar histórias. Também sugere-se a esses profissionais que busquem se aperfeiçoar nessa prática, pois alcançarão resultados satisfatórios com seus alunos.

A contação de história, ao ser utilizada de forma efetiva pelos docentes, tende a se tornar uma ferramenta valiosa que enriquece as aulas e desperta o interesse dos discentes para o conteúdo que está sendo ministrado.

6 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS COMO ESTRATÉGIA DOCENTE NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

As histórias estimulam a imaginação da criança, fazendo com que ela se torne mais receptível a algo novo. No contexto escolar, isso proporciona momentos riquíssimos de aprendizagem, uma vez que o aluno está disposto a mergulhar naquilo que está sendo exposto assim, o aluno se sente envolvido, se sente parte da experiência que está vivenciando naquele momento, e isso é o ponto crucial para que o aluno deixe sua posição passiva de apenas ouvinte e passe a expressar suas ideias e opiniões, contribuindo, assim, para a construção de conhecimento dentro da sala de aula.

Tornar o aluno um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem pode ser um desafio para o professor, pois é muito mais fácil apenas ministrar as aulas planejadas de maneira monótona e desestimulante para os alunos, do que a cada aula fazer com que o aluno se sinta interessado a aprender e a contribuir durante o processo educativo.

Uma das estratégias que o docente pode utilizar para estimular os discentes a participarem de forma ativa nos momentos de ensino-aprendizagem é a contação de histórias.

Quando ouvimos uma história, as portas da imaginação se abrem, são disponibilizadas inúmeras oportunidades para o desenvolvimento cognitivo e afetivo, da oralidade e da escrita, bem como favorece o envolvimento pessoal e social das crianças. Segundo Dohme (2000, p. 5), “as histórias são um ‘Abra-te sésamo’ para o imaginário, onde a realidade e a fantasia se sobrepõem” (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 74).

Com a imaginação sendo estimulada, a curiosidade do aluno logo irá despertar também, fazendo com que ele procure por si mesmo novas informações sobre o assunto abordado. Importante ressaltar que a contação de histórias deve acontecer dentro da sala de aula, como dito, com intuito educativo, ou seja, o professor, ao adotar essa estratégia, deve buscar textos que corroborem para o assunto que será abordado para aquela aula em questão.

Ao adotar a contação de histórias como ferramenta de auxílio, o professor deve preparar o ambiente e os alunos para que se possa narrar a história escolhida. O docente pode utilizar inúmeras estratégias para despertar a atenção dos educandos. Algumas delas são os

fantoches, vídeos, músicas, gravuras, imagens, entre outras. Com o intuito de que a história torne-se, ainda, mais estimulante o professor poderá pedir para que os alunos o auxiliem no momento da narrativa, pois essas ações farão com que as crianças se sintam mais atraídas e interessadas pela história.

Ao utilizar-se a contação de histórias, todos saem ganhando, sejam os ouvintes, que serão instigados a imaginar e criar, seja o contador, que terá a oportunidade de recriar um ambiente de resgate da memória. E, ao pensarmos na escola, tanto os alunos como os professores terão uma aula muito mais atrativa e motivadora. Assim, quem mais sai ganhando é, na verdade, a sociedade, que receberá cidadãos mais criativos e capazes de conviver com a diversidade (TORRES; TETTAMANZY, 2008, p. 07).

Além de beneficiar o cognitivo das crianças, ouvir histórias contribui também para a formação da identidade e da subjetividade infantis. As crianças se envolvem com os personagens das histórias que estão sendo narradas, podendo, assim, solucionar e responder seus problemas e questionamentos internos que possam estar interferindo no processo educativo.

Por meio da Contação de histórias infantis e dos contos de fadas, temos a oportunidade de representar papéis e cenas do cotidiano, tomando posições e solucionando problemas de forma livre, sem a intervenção das pressões da realidade, podendo experimentar outras formas de ser e pensar (BRASIL, 1998). Isso possibilita a criança inventar seu próprio mundo, descobrindo respostas as necessidades infantis, sendo utilizadas de forma fantasiosa revelando situações que levam liberar a imaginação, ao pensamento e ao desenvolvimento pessoal, reconhecendo suas emoções, possibilitando nova vivências relevantes para o processo de alfabetização (BRASIL, 1998 apud ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 74).

Araújo, Bravo e Rodrigues (2014, p.75) considerando o que o psicólogo Bettelheim (1980) afirma sobre os contos infantis e seus benefícios no que se refere no desenvolvimento infantil, destacam que

[...] as narrativas em sala de aula são ótimas ferramentas para o desenvolvimento da subjetividade das crianças. O conto permite que esta experimente emoções, vivencie-as em sua fantasia, sem que precise passar pelas mesmas situações na realidade, além disso, a história oferece a criança uma nova forma de pensar sobre os seus sentimentos difíceis, sentimentos dolorosos ou intensos demais (como um luto, o nascimento de um irmão, a adaptação escolar, etc.).

Por meio das interações sociais a criança vai se construindo como indivíduo, formando a sua identidade. Nesse aspecto, ouvir histórias também contribui para a formação da identidade da criança, pois elas se identificam com o que está sendo narrado para resolver conflitos internos, resultando em seu bom desenvolvimento emocional e cognitivo, uma vez

que “[...] o ato de contar histórias pelo outro ou pelo próprio sujeito leva à aprendizagem e ao desenvolvimento e ao reconhecimento da própria subjetividade e dos processos que ocorrem cotidianamente” (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 78).

7 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada em uma escola estadual de ensino fundamental localizada na cidade de Serra/ES. A instituição atende um público de classe média. Foram entrevistadas seis professoras que ministram aula no ciclo de alfabetização, ou seja, do 1º ao 3º ano do ensino fundamental. Quanto ao nível de instrução das entrevistadas, as docentes possuem pós-graduação, sendo que uma possui mestrado.

A instituição foi selecionada para aplicação da pesquisa devido ao fato de algumas das professoras entrevistadas trabalharem com histórias infantis dentro da sala de aula, com momentos dedicados às narrativas ou leitura de histórias pelas próprias crianças e/ou professores.

7.1 FORMAÇÃO DAS PROFESSORAS EM RELAÇÃO À CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Sugere-se aos professores que sempre busquem novas formações acadêmicas que os atualizem a respeito das novas tecnologias educacionais proporcionando uma nova visão, estratégia ou metodologia para aprimorarem o desempenho dentro da sala de aula.

Como estamos discorrendo sobre contação de histórias no ciclo de alfabetização é importante salientar que essa prática, ou seja, a adoção dessa estratégia pelo professor regente, poderá auxiliá-lo a desenvolver a oralidade de seus alunos, uma vez que, “[...] a contação de histórias, por meio da linguagem, tem em si mesma uma natureza dialógica, interativa e mediadora” (PACHECO, 2009, p. 17).

Mas, quando questionamos as professoras a respeito de como elas avaliam os conhecimentos adquiridos no decorrer de sua formação acadêmica (graduação, pós-graduação, cursos extras) sobre a contação de histórias, observamos que 50% afirma possui algumas informações/conhecimentos a respeito da temática, e as outras 50% afirma possui muitas informações/conhecimentos sobre os benefícios da contação de histórias para o ciclo de alfabetização.

A respeito das formações que elas tiveram/participaram com a temática voltada para os benefícios da contação de histórias para o ciclo de alfabetização no decorrer de sua atuação

profissional, 33% respondeu não ter participado de nenhum encontro com essa temática, e 67% afirma ter participado de mais de três formações que abordaram o tema entre os anos de 2015 e 2016.

7.2 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Como relatamos no decorrer deste artigo, a contação de histórias pode trazer inúmeros benefícios quando utilizada como estratégia no processo de ensino-aprendizagem, pois “a contação de história em sala de aula estimula a criatividade e a imaginação, o que facilita a aprendizagem oral e escrita” (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 84).

Indagamos em nosso questionário se as professoras regentes utilizavam a contação de histórias na realização de alguma atividade com as crianças e com que frequência faziam isso. 50% respondeu que utiliza a contação de histórias na realização de atividades, 33% respondeu que não utiliza e 17% respondeu que utiliza algumas vezes.

Das quatro docentes que responderam que utilizam a contação de histórias na aplicação de atividades, 50% respondeu que faz isso semanalmente, 25% respondeu que esporadicamente, ou seja, não há uma regularidade para utilizar a contação de histórias na aplicação de alguma atividade, e 25% respondeu que utiliza essa estratégia diariamente.

Pedimos para as professoras que participaram de nossa pesquisa, opinassem a respeito do incentivo que a contação de histórias viabiliza aos alunos em relação à leitura. Todas as seis docentes responderam que a contação de histórias incentiva a leitura. Constatamos isso, também, quando Aguiar et al. (2001, p. 72) afirmam que “os primeiros versos e as primeiras histórias que o indivíduo ouve ou lê quando criança são muito importantes para o desenvolvimento do seu apreço pela leitura”.

Em relação aos momentos dedicados à leitura, questionamos com que frequência as professoras levam seus alunos à biblioteca da escola. 33% respondeu que leva os alunos a biblioteca semanalmente, 17% visita a biblioteca quinzenalmente e 50% esporadicamente, ou seja, não há uma regularidade em relação ao uso da biblioteca pelos alunos.

Perguntamos ainda se há algum momento durante as aulas em que os alunos podem ler livros paradidáticos: todas responderam que sim. O quadro 1 expõe as respostas das professoras (considerando o estilo de escrita de cada uma delas) descrevendo como são os momentos durante a aula dedicados à leitura.

Quadro 01 – Momentos dedicados à leitura.

10.1. Se você respondeu “sim”, descreva como são realizados estes momentos de leitura.	
Nº QUEST.	RESPOSTAS
1	Quando os alunos terminam as atividades existe um momento dedicado a leitura.
2	É realizado a leitura "deleite" onde escolhemos um livro e exploramos o mesmo; fazemos a leitura coletiva e produção textual do livro.
3	Sempre no final da aula, uma criança ler um livro de história para as outras crianças ou eu mesmo leio.
4	Antes de iniciar o conteúdo em aula, como leitura deleite e também quando acabam de fazer as atividades em sala.
5	Temos na sala um cantinho de leitura dedicado aos alunos, quando os mesmos acabam as atividades, o utilizam.
6	Uma vez na semana há um momento na aula dedicado exclusivamente a leitura.

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Podemos observar que metade das professoras respondeu que os momentos de leitura são realizados quando o aluno termina a atividade (questionários 1, 4, 5), ou seja, não há mediação docente. A outra metade relatou que existe um momento exclusivo dedicado à leitura, em que os alunos podem explorar o livro com a mediação docente (respostas 2, 3, 6).

Pedimos ainda que as professoras opinassem a respeito de como a contação de histórias poderia contribuir na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Em relação a isso, apresenta-se o quadro 2, o qual expõe as respostas obtidas, mantendo-se o estilo original de escrita.

Quadro 02 – Contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem.

Nº QUEST.	RESPOSTAS
1	Na minha opinião a história lida pelos alunos ajuda muito mais a fixação do que a contada.
2	As histórias representam indicadores efetivos para situações desafiadoras, assim como fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos, portanto é uma ferramenta para o desenvolvimento da criança despertando pequenos leitores.
3	Depois da contação de história, sempre faço um relato coletivo, todos comentam, depois ilustram e escreve o nome dos desenhos. Contribuí muito para desenvolver a oralidade e a alfabetização.
4	Desenvolve a oralidade, o interesse pela leitura.
5	Elas prestam atenção a história mas não fixam o conteúdo com tanta facilidade ao contrário da leitura didática.
6	Prefiro leitura de livros a contação de histórias.

Fonte: dados da pesquisa (2017).

Analisando as respostas obtidas, destacamos três delas, as que correspondem aos questionários 2, 3 e 4, respectivamente. As três frases apresentadas nos questionários

destacados citam que a contação de histórias pode auxiliar no desenvolvimento da criança, estando isso de acordo com que Wendt (2011) afirma quando descreve que

[...] a contação de histórias é fundamental para o desenvolvimento da comunicação entre as crianças porque na maioria das histórias as situações relatadas envolvem episódios de experiências, de medo, de amor, de autodescobertas e muitos outros que são semelhantes às vividas por elas na vida real, facilitando a aproximação entre o real e o lúdico (WENDT, 2011, p. 10).

Também foi descrito pelas professoras que o ato de contar histórias pode auxiliar no desenvolvimento da oralidade e leitura por parte dos alunos. Essa afirmação corrobora com que Pacheco (2009) defende quando afirma que “a contação de histórias serve ao ensino de práticas discursivas, materializadas principalmente em diferentes gêneros orais [...]” (PACHECO, 2009, p. 32).

Ainda gostaríamos de salientar o que Araújo, Bravo e Rodrigues (2014) afirmam a respeito dos benefícios proporcionados ao se adotar a contação de histórias como estratégia no processo de ensino-aprendizagem.

A Contação de história em sala de aula estimula a criatividade e a imaginação, o que facilita a aprendizagem oral e escrita. Por meio da inserção do lúdico, as crianças desenvolvem o gosto pela leitura e adentram em um universo social e cultural que os auxiliam em seu desenvolvimento, Nesse caminho, a contação de história a criança conhece outros lugares, coisas e formas, é possível trabalhar várias disciplinas interligadas por meio da Contação de história (ARAÚJO; BRAVO; RODRIGUES, 2014, p. 84-85).

Observamos ainda que a pesquisa de campo realizada, juntamente com os teóricos abordados durante a análise de dados, apontam que o uso da contação de histórias com intuito educativo pode contribuir no desenvolvimento pessoal e acadêmico das crianças.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como proposta analisar as contribuições da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem com foco no ciclo de alfabetização. Esse assunto nos levou a discorrer sobre diversos autores que acreditam que há benefícios em se ouvir e contar histórias com propósito educativo, além de questionar alguns professores que atuam no ciclo de alfabetização a respeito da temática.

A partir desse estudo, é possível constatar que a contação de histórias quando utilizada com intuito educativo pode contribuir no processo de ensino-aprendizagem, pois ela desperta nos alunos interesse pelo código linguístico oral e escrito de uma forma prazerosa e lúdica.

Observamos também que o número de professores que são adeptos à utilização da contação de histórias como metodologia para introduzir/iniciar um conteúdo é relativamente baixo. Acreditamos que isso se manifesta devido ao fato de existirem profissionais que não conhecem a temática a fundo, concluindo previamente que o ato de contar histórias, deva estar, no contexto estudado, à parte do processo de ensino-aprendizagem.

Mas, estamos confiantes de que, apesar do resultado da pesquisa de campo não ser tão favorável em relação às práticas adotadas dentro da sala de aula, no que tange à contação de história, cremos que, com essa pesquisa, podemos incentivar muitos professores a adotarem essa estratégia no processo de ensino-aprendizagem, não só no ciclo de alfabetização, mas em todos os níveis de escolarização, mudando o olhar dos docentes a respeito da temática.

Sendo assim, gostaríamos de finalizar este trabalho chamando a atenção dos profissionais e acadêmicos da área de docência para o ato de contar histórias nas salas de aulas e os benefícios que essa estratégia pode trazer ao desenvolvimento das crianças, tanto acadêmico quanto pessoal, na resolução de seus conflitos internos, e desejar aos docentes que encontrem histórias adequadas e as trabalhem de forma prazerosa com seus alunos.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. et al. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.

ARANHA, M. L. de A. **História da Educação**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, M. P. M.; BRAVO, D. O. M.; RODRIGUES, G. A. S. A contação de história como estratégia pedagógica: contribuição para a aprendizagem e desenvolvimento no ensino fundamental. **Revista Científica da Faculdade Cenecista de Vila Velha**, n. 12, p. 73-86, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://facevv.cneec.br/revista-facevv-no-12-jan-jun-de-2013/>>. Acesso em: 26 nov. 2016.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. 2006. Disponível em: <<http://smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/historia%20dos%20metodos%20de%20alfabetizacao%20no%20brasil.pdf>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

PACHECO, D. F. L. **A formação de professores-contadores de histórias, como proposta para o letramento e desenvolvimento de oralidade, leitura, cognição e afetividade**. 2009.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2018.

131f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Departamento de Ciências Sociais e Letras, Universidade de Taubaté, Taubaté, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp114320.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

SEIDEL, E. S. **O professor, a história e a criança**: as aventuras e desventuras entre o Era uma vez e o Foram felizes para sempre. 2007. 231f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89670/245025.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 08 out. 2016.

TAHAN, M. **A arte de ler e contar histórias**. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1961.

TORRES, S. M.; TETTAMANZY, A. L. L. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista eletrônica de crítica e teoria de literaturas**, v. 04, n. 01, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/NauLiteraria/article/viewFile/5844/3448..>> Acesso em: 13 mar. 2017.

WENDT, R. K. **A importância da contação de estórias na alfabetização**. 2011. Trabalho de conclusão de graduação (Licenciatura em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/141247>> Acesso em: 08 out. 2016.

Artigo recebido em: 27/09/2017

Aceito em: 14/11/2017

Publicado em: 25/06/2018

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO CONFORME ABNT:

SANTHIAGO, Nayna da Silva. Contribuições da contação de história no processo de ensino-aprendizagem com foco no ciclo de alfabetização. **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 55-74, jan./jun. 2018.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 24, n. 1, p. 55-75, jan./jun. 2018.